

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Roberta Guerra Fleck

**Dezenove Poemas Desengonçados... Dezenove alunos que acharam
graça – um estudo sobre recepção em leitura.**

Porto Alegre,

2013.

Roberta Guerra Fleck

**Dezenove Poemas Desengonçados... Dezenove alunos que acharam
graça – um estudo sobre recepção em leitura.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Comissão de Graduação do
Curso de Pedagogia – Licenciatura da
Faculdade de Educação, da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial e obrigatório para obtenção
do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a Dra. Maria Isabel Habckost Dalla Zen

Porto Alegre

2013

Os poemas
(Mário Quintana)

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhoso espanto de saberes
que o alimento deles já estavam em ti...

Agradecimentos

À professora **Maria Isabel, minha orientadora** e fonte de inspiração profissional, pela orientação afetiva e pelas marcas definitivas que deixará em minha trajetória, pela oportunidade de ter me fazer compreender e me encantar com o produto da disciplina intelectual e pelos aprendizados proporcionados pela monitoria acadêmica. À professora **Rosa Maria Hessel Silveira** pelas contribuições valiosas para este trabalho. Às professoras **Maria Stephanou, Maria Luisa Xavier e Maria Bernadette** pela contribuição para todo meu fazer docente. Aos **meus pais, Rejane e Paulo**, pelo exemplo e inspiração diária, pela família construída e pela trajetória de afeto e compreensão incondicional, por me mostrarem a importância de sonhar e trabalhar arduamente na direção dos sonhos, um verdadeiro presente enviado por Deus. Ao **meu amor Eric**, que acreditou desde o começo e me fez vislumbrar dia após dia um caminho lindo a ser percorrido, pela convivência singular, pela poesia que coloca em meus dias, que desde sempre constrói comigo uma nova jornada. Ao **meu irmão e amigo Guilherme**, pela alegria e amizade que coloca em minha vida, minha porção mais sincera, essência do significado de irmãos. À **minha avó** querida que polvilha de ternura, juventude e esperança os meus dias. À **professora Fernanda Lavrati**, por ter aberto as portas da sua sala de aula e me permitido experimentar e vivenciar o que de fato é ser professora, e me fazer ver além de cadernos de chamada. As **crianças da 40A**, sala de aula efervescente, que fizeram borbulhar carinho, prazer e aprendizagem. À **Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul** por transbordar conhecimento através de seus mestres.

Resumo

Este Trabalho analisa que razões levaram à escolha absoluta, e consequente aquisição, da obra *Dezenove Poemas Desengonçados* de Ricardo Azevedo, por crianças de um quarto ano do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre/RS. Tais alunos, na época, participavam da pesquisa interinstitucional (UFRGS/ULBRA/UFPEL), coordenada pela professora Dra. Rosa Maria H. Silveira (UFRGS), intitulada “Literatura Infantil - um estudo sobre leituras de obras selecionadas com leitores dos anos iniciais”. Tal projeto visava investigar a recepção dos alunos frente a um conjunto de obras do acervo do Plano Nacional da Biblioteca Escolar (PBNE/2011). Para responder à questão orientadora do estudo, esta pesquisa, de cunho etnográfico, vale-se dos referenciais de Regina Zilbermann (1995/2005), Rosa Maria H. Silveira (2013), Marisa Lajolo (1995), entre outros do campo da Literatura Infantil. A interpretação dos dados produzidos pela citada pesquisa ocorre por meio da análise de: gravação de vídeo, atividades escritas e questionário com questões sobre as sessões de leitura realizadas com cada um dos livros de diferentes gêneros. Alguns apontamentos possíveis: 1) a exploração prévia em sala de aula, anterior ao projeto, do gênero poesia, 2) a visão das crianças sobre a poesia como uma obra aberta e 3) a influência do humor presente nesta coletânea, indicam a preferência dos alunos pelo gênero poema.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Poesia. Humor.

Sumário

1 PRIMEIROS VERSOS	7
1.1 O lugar para a sensibilidade	7
1.2 O universo poético de uma sala de aula	7
1.3 Mergulhando em poemas e buscando indagações	9
1.3.1 Objetivo do estudo	9
1.3.2 Questão de pesquisa	9
1.4 A métrica de uma pesquisa – O percurso metodológico	10
2 UM SARAU DE REVISÕES – Literatura Infantil e Poesia	12
2.1 A literatura infantil e seu lugar no percurso individual	12
2.2 A literatura infantil pelo viés histórico	14
2.3 Poesia infantil	18
3 DEZENOVE POEMAS DESENGONÇADOS... DEZENOVE ALUNOS QUE ACHARAM GRAÇA	21
3.1 <i>Sôra, eu sou quase um poeta!</i> – O caminho rumo a uma sala de aula poética	21
3.2 Percepções e reações – As gravações em vídeo como elemento de análise	26
3.3 Ponderando sobre a escrita de dezenove crianças e debulhando ainda mais dezenove poemas desengonçados	29
4 A ÚLTIMA ESTROFE	40
5 REFERÊNCIAS	44

1 PRIMEIROS VERSOS...

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

1.1 O lugar para a sensibilidade

Da lembrança da primeira palavra lida até o apreço pessoal pelo estudo acerca desta Capital e a história vertente em suas ruas, têm-se nestes aspectos as duas extremidades de uma história de leitura e escrita, principiada pela escuta dos Contos de Grimm e Andersen com a predileção pelo A Menina da Caixa de Fósforos, passando pela poesia de Mario Quintana, explorada na escola, e indo rumo à leitura prazerosa e escrita, ora silenciosa, ora pretenciosa, de crônicas e poesias na adolescência.

Com o ingresso no Curso de Pedagogia desta universidade, veio a escuta atenta e minuciosa e o encanto com a postura docente da professora Dra. Maria Isabel Habckost Dalla Zen, que sucumbiu na orientação desta produção acadêmica e na busca por uma monitoria que hoje se concretiza. Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC é ressonância destes encontros.

1.2 O universo poético de uma sala de aula

Assim sendo, partiu da experiência do estágio curricular em uma sala de aula de um 4º ano da rede estadual do município de Porto Alegre sob a

Este exercício de pesquisa está escrito na 1ª pessoa do plural por acreditar que autores como a orientadora deste TCC, professora Dra. Maria Isabel Habckost Dalla Zen tenham subsidiado este estudo, assim como este, tenha também, se concretizado a partir de contribuições da professora Dra. Rosa Maria H. Silveira, além da influência de autores em que se basearam a argumentação teórica, análises e apontamentos.

orientação da citada professora. Coube ao trabalho proposto, às práticas em sala de aula e a um projeto inserido no mesmo ambiente, promover um investimento no gênero poesia.

A escola na qual contemplou o período de estágio docente localiza-se na zona norte da cidade e atende a um público residente do bairro de classe média no qual a instituição se endereça. A turma em questão era composta por 19 crianças com faixa etária em torno dos 10 anos de idade e tinha como característica um perfil questionador em constante efervescência.

Para esta sala de aula, prevemos nos planejamentos, orientados pela professora orientadora Maria Isabel Habckost Dalla Zen e apoiada na docência compartilhada com a Professora Titular da turma, um trabalho de exploração do gênero poesia. Trabalho este, que começou em virtude da proximidade da Semana Farroupilha, com a apresentação do poema Coração Farroupilha de Luiz Coronel, passando também pela exploração em forma de leitura motivada do livro *Será que pode?* de Sandra Aymone, até o desafio da escrita de novos “pares” e poemas de acordo com a estrutura do texto base.

Para dar início a um trabalho com as lendas da cidade, inserimos em sala de aula a escuta e leitura da música Horizontes de Flávio Bicca Rocha, obra que se inspira neste mesmo cenário; além de alguns poemas de Mário Quintana, com o mesmo intuito de trazer a cidade – sob a perspectiva literária – como pano de fundo de um planejamento que a contemplava. Investiu-se ainda em um trabalho que envolveu a exploração da música Gentileza de Marisa Monte e da obra inspiradora deixada pelo profeta de nome homônimo.

Findando o estágio, e coincidentemente o ano letivo, levamos à sala de aula a proposta de um Sarau Poético, orientado previamente e que permitia a livre escolha dos poemas a serem recitados.

Concomitantemente a este trabalho, que perpassou pelo projeto Jornal, Janela e Jacarandá: Uma jornada pelas ruas da cidade¹, uma pesquisa intitulada *Literatura infantil – um estudo sobre leituras de obras selecionadas com leitores de anos iniciais* se inseriu no ambiente de sala de aula. Projeto

¹ O planejamento didático-pedagógico intitulado Jornais, Janelas e Jacarandás – Uma jornada pelas ruas da cidade, é elemento proposto e construído durante o Estágio de Docência no 7º semestre do Curso de Pedagogia desta universidade.

este que ao encerramento permitia a cada criança a escolha de uma das obras exploradas para aquisição individual².

1.3 Mergulhando em poemas e buscando indagações

E justamente a prevalência absoluta da escolha das crianças pela obra *Dezenove Poemas Desengonçados* do escritor Ricardo Azevedo foi o que instigou a escrita deste trabalho, que, por sua vez, terá como intuito central a busca pelas razões e motivações que levaram à preferência e conseqüente escolha coletiva pelo livro em questão.

1.3.1 Objetivo do estudo

Analisar as razões que levaram uma turma de alunos dos anos iniciais a preferirem um livro de poemas em detrimento de outras obras.

1.3.2 Questão de pesquisa

Quais as razões e aspectos impulsionadores que influenciaram uma turma de crianças de um 4^o ano a escolherem uma coletânea de poemas entre outros livros disponíveis?

² Pesquisa pertencente ao Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenado pela pesquisadora Dra. Rosa Maria Hessel Silveira, juntamente com os professores pesquisadores Dr. Edgar Kischof, Dra. Gládis Kaercher, Dra. Iara Bonin, Dra. Letícia Richtofen de Freitas e Dra. Maria Isabel H. Dalla Zen.

^{2.1} Informamos que, por ocasião da pesquisa citada, foi providenciado, junto à escola, um termo de consentimento informado, preenchido e assinado pelos responsáveis envolvidos: direção, professora titular e familiares dos alunos. Destacamos ainda que o referido projeto foi submetido ao comitê de ética da UFRGS, obtendo sua aprovação.

1.4 A métrica de uma pesquisa – O percurso metodológico

Para alcançar os objetivos propostos no início deste exercício investigativo, três momentos tiveram papel primordial no percurso até a concretização desta escrita.

O primeiro momento, envolvendo a minha inserção como estagiária em uma turma de 4º ano de uma escola pública da rede estadual de Porto Alegre, atendendo ao requisito da disciplina Estágio de Docência - 6 a 10 anos, ministrada na 7ª etapa do curso de Pedagogia desta universidade. Para tanto, planejamentos semanais eram constituídos a partir de objetivos almejados, e em consonância, por vezes, com o projeto didático-pedagógico que pretendia desenvolver, concomitante a uma docência compartilhada com a professora titular da classe em questão e congruente com as orientações da equipe de estágio nos encontros semanais referentes da disciplina Seminário de Prática Docente - 6 a 10 anos.

O segundo momento surge com a inserção, na sala de aula mencionada, da pesquisa, citada no capítulo introdutório desta produção, intitulada “Literatura Infantil - um estudo sobre leituras de obras selecionadas com leitores dos anos iniciais”. A periodicidade dessas inserções era semanal, através de dois encontros que compreendiam, cada um, a leitura interativa das obras de diferentes gêneros (narrativas, poesia, narrativa visual), pertencentes ao acervo do Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE/2011). Para atender aos critérios metodológicos desta pesquisa em questão, cada criança recebia um exemplar de cada livro, e posteriormente ocorria a leitura dialogada, sistematizações com atividades escritas também eram realizadas, a fim de atender aos objetivos propostos. Essas sessões de leitura eram gravadas em áudio e vídeo. Como ponto culminante, esta pesquisa proporcionou a escolha espontânea, e conseqüente aquisição gratuita, de um livro para cada criança.

E como terceira etapa deste processo, tem-se o estudo acerca dos conceitos relevantes pertinentes à temática Literatura Infantil e os aspectos relacionados à análise dos “dados” gerados através do material previamente

elaborado: as atividades escritas e o questionário aplicado, como atividade finalizadora -, o qual visava delinear as preferências e opiniões em relação às obras trabalhadas -, a observação e escuta minuciosa dos vídeos gravados pela pesquisa, durante a leitura das obras, e os indícios deixados pela escolha de um livro para aquisição, em detrimento dos outros que foram explorados e disponibilizados.

Diante deste percurso investigativo e das facetas que o compõem e o caracterizam, lançamos mão das ideias de Cristiano Lessa de Oliveira (2005) para afirmar que o mesmo trata-se de um estudo de caso qualitativo, contando com ferramentas etnográficas. E ainda, neste momento de tipificar esta produção acadêmica, podemos reconhecer, conforme o autor citado, os investigadores participantes como observadores, tendo em vista alguns aspectos como o consentimento por parte da comunidade a ser pesquisada, além da presença de acordos, promessas, compromissos e combinações, mesmo anterior ao início da pesquisa naquela sala de aula.

2. SARAU DE REVISÕES – Literatura Infantil e Poesia

Este capítulo tem por objetivo central a exploração de alguns aspectos e conceitos essenciais para a fluência e compreensão da leitura a que se propõe esta produção acadêmica.

2.1 A Literatura Infantil e seu lugar no percurso individual

É fundamental que a discussão acerca da Literatura Infantil se dê através do viés compreendido entre as teorias de autores pesquisadores da área. Considerando a complexidade e infinitude que cerca o tema, é fundamental lembrar que tratar de literatura infantil sem resgatar pela memória literária pessoal é uma tarefa quase impossível.

E este resgate é primordial para que doravante possamos refletir sobre o universo literário em que se está inserido. Afinal, segundo Zilberman (2005, p. 21) “por toda a vida, podemos ser convidados a retomar os textos que vieram a constituir nossa biblioteca interior, formada por aquilo que as recordações armazenaram.”

No entanto, apesar desta relação íntima que se estabelece entre memória e literatura, visto a simbologia deste período de vida, certamente, um distanciamento se faz necessário no momento de tratar e conceituar obras literárias destinadas à infância. E neste momento, se faz de suma importância, o público para o qual se escreve. Afinal, “embora o texto seja consumido pela criança, é o adulto que, a partir do seu interesse e da sua experiência, elabora a obra que vai se destinar à infância.” (AGUIAR, 2001, p. 19)

Apesar da escrita adulta, impregnada de memória, imaginação e expectativa, afinal “um escritor é um criador, ele produz uma obra a partir de sua experiência, de leituras e do que esperam dele” (ZILBERMAN, 2005, p. 21), é o público a que se pretende interessar o eixo central desta contenda entre pesquisadores.

E não poderia ser diferente, pois os livros de literatura infantil são “aqueles que predominam na primeira década e meia de vida de cada um [...] Poder-se-iam definir os livros para crianças por essa característica: são os que ouvimos ou lemos antes de chegar à idade adulta.” (ZILBERMAN, 2005, p. 21)

E desta forma, como dito anteriormente, não há como não relacionar este gênero literário com o público a que se almeja alcançar. São interesses desta fase da vida, suas emoções, questionamentos, percalços cotidianos e magia da possibilidade de se tratar da fantasia aspectos promissores e propulsores de enredos destinados às crianças através da literatura. Pois, “o escritor dispõe também de grande liberdade, pois, somando experiência e imaginação, ele pode ir longe, inventando pessoas, lugares, épocas e enredos diversificados.” (ZILBERMAN, 2005, p. 21)

Mas não somente o escritor é impregnado por uma bagagem anterior, o leitor, por sua vez, também vem de uma imersão em experiências e recursos pessoais. Ambos, influenciando o potencial literário quando sujeito criador da obra ou sujeito que se depara com ela.

E é o que traz Regina Zilberman (2005, p. 21) quando aborda este aspecto, publicando que

o leitor também traz algum tipo de experiência, uma bagagem de conhecimentos que precisa ser respeitada, caso contrário se estabelece um choque entre quem escreve e quem lê, rompe-se a parceria que só dá certo se ambos se entendem. Se o escritor contradisse demais as expectativas do leitor, esse rejeita a obra.

E estas expectativas se mostram a partir do contato do leitor ou ouvinte com a obra, estabelecendo ou não uma relação íntima com o que se oferta à ele. E esta relação, de reciprocidade entre obra e leitor é determinante na esfera literária. E a literatura infantil segue o mesmo percurso, pois ainda

embora seja um tipo de texto literário, que traz a peculiaridade de se definir pelo destinatário, a obra infantil tem sua dimensão artística assegurada quando rompe com o normativo, com o pedagógico, enfim, com o ponto de vista adulto e, através de um exercício de qualidade com a linguagem, leva o leitor a uma abrangente compreensão da existência.

(ZILBERMAN, 1981)

E o alcance de uma obra de literatura infantil é imensurável no que se refere ao público, significado e ao lugar que esta obra ocupa. Neste ponto, Meireles aborda o gosto das crianças por esta ou aquela obra, e o que isto implica ainda neste processo de conceitualização do gênero a que se propõe, afirmando que “literatura infantil é tudo o que escrevemos para a criança e que ela lê com utilidade e prazer. [...] O gosto e a preferência do leitor infantil por esta ou aquela obra serve para delimitar o conceito de literatura infantil e para afirmar a qualidade do texto.” (MEIRELES, 1984, p. 20)

Desta forma, encerrando este aspecto pontual desta produção, que ressalta e almeja tecer relações no que diz respeito à literatura infantil:

Qualquer que seja, portanto, a perspectiva a partir da qual procuramos definir e delimitar o conceito de literatura infantil, temos sempre como parâmetro a possibilidade da identificação do leitor com o texto que manuseia, e é justamente esse traço da obra infantil que resulta nas características muito específicas que ela contém. (AGUIAR, 2001, p. 19)

Explicitada então, as ideias centrais trazidas sobre os conceitos que norteiam os significados da literatura infantil, vejamos a perspectiva histórica, enfatizando a trajetória nacional desta mesma modalidade literária.

2.2 A Literatura Infantil Brasileira pelo viés histórico

A literatura infantil nacional, este campo encantador de estudos no qual esta produção está imersa, apesar de repleta de história e carregada de um acervo considerável, “nasceu tardiamente, [...] pelo menos duzentos anos de atraso em relação à Europa.” (LAJOLO, 1986, p. 57)

Ainda parafraseando Marisa Lajolo (1986), foram, com os contos e poemas infantis o primeiro contato da criança brasileira com a literatura infantil. Antes disto, a Europa do século XVIII, marcada pela ascensão da burguesia na sociedade, “o aparecimento dos primeiros livros para crianças incorpora-se a

esse processo, porque atende às solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente.” (ZILBERMAN, 2005, p. 21) E é neste momento histórico que a infância passa a ocupar um papel importante na sociedade, pois passou-se a investir na educação das crianças “como uma forma de prepará-las para a vida adulta”. (AGUIAR, 2001, p. 23)

E ainda sobre este período do percurso da literatura infantil, para Aguiar (2001, p. 21):

A ascensão da burguesia na sociedade europeia durante o século XIII, o crescimento de sua capacidade de mais poder político resultaram numa nova ordem social e cultural, em que os valores da classe emergente se impunham. [...] Neste contexto, a literatura infantil surgiu e serviu à proposta burguesa de formar mentalidades, de impor sua ideologia.

Antes disto, surgiram histórias que seriam englobadas como literatura apropriada também para a infância: as Fábulas, de La Fontaine (1668-1691), As aventuras de Telêmaco, de Fenelon (1717) e Os contos de Mamãe Gansa, publicados por Charles Perrault (1697).

Para aquele século XVIII, parafraseando Aguiar (2001, p. 24), ainda podemos contar com os livros que se tornaram clássicos e posteriormente foram adaptados à infância, como as aventuras de Robinson Crusóé, de Daniel Defoe, e As viagens de Gulliver, de Jonathan Swift.

Em seguida, com a batida à porta do século XIX, a infância se enchia de fantasia com os contos de Hans Christian Andersen, e de romance e aventura com os sucessos adaptados dos Irmãos Grimm. E para o olhar brasileiro, “inicialmente, houve uma preocupação em traduzir ou adaptar livros que faziam sucesso na Europa.” (AGUIAR, 2001, p. 25)

Passado este período histórico, a respeito da ascensão da literatura infantil, “na escala familiar e doméstica, a atenção que se passou a dar à leitura infantil liga-se à correspondência, feita pelos pais, entre garantir uma consistente educação letrada aos filhos e assegurar o futuro sucesso profissional deles.” (CADEMARTORI, 2012, p. 7)

Pois são, segundo Cademartori (2012, p. 9),

as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman que traçaram o percurso do gênero em Literatura infantil brasileira, [...] segundo as autoras, embora ao longo do século XIX tenham aparecido, de modo esparso, obras destinadas às crianças, a literatura infantil brasileira teve seu começo na passagem do século XIX para o XX, momento de acelerada urbanização do país.

E as marcações políticas influenciaram em aspectos amplos o percurso histórico da literatura, e com a faceta infantil deste gênero, não seria diferente. E no Brasil, um destes momentos trata-se da Proclamação da República, em 1889, que com ela, “instala-se um ambiente político e social que valoriza a alfabetização, a instrução e a escola.” (CADEMARTORI, 2012, p. 9)

E é, justamente, imersa neste marco histórico do país que a literatura infantil se consolidou “quando a sociedade brasileira, em processo de urbanização, viu nascer um público que precisava se instruir, pois estava ávido por consumir os produtos culturais dos novos tempos.” (AGUIAR, 2001, p. 25)

Todavia, a produção literária infantil deste período foi marcada pela robustez de linguagem e temática dirigida aos aspectos exuberantes da geografia do país, além de focada no futuro promissor da nação. Assim, “os primeiros livros brasileiros escritos para crianças apareceram ao final do século XIX, de modo que a literatura infantil nacional contabiliza mais de cem anos de história.” (ZILBERMAN, 2005, p. 21)

Conforme Aguiar (2001, p. 25) a grande virada ocorreu com a publicação, em 1921, de *A menina do narizinho arrebitado*, por Monteiro Lobato. Este fora o primeiro título da obra, posteriormente intitulada *Reinações de Narizinho*.

Monteiro Lobato conquistou o público leitor com uma “linguagem compreensível e atraente” (AGUIAR, 2001, p. 25), alcançou plenamente o objetivo de cativar os leitores crianças com a introdução da oralidade das personagens, com um cenário cativante, histórias envolventes e personagens repletos de significações. Os moldes propostos por Lobato, apesar de difundidos e amplamente reproduzidos, ficaram como um marco no histórico da literatura infantil brasileira. Conforme Aguiar (2001, p. 20)

Monteiro Lobato foi o primeiro autor da literatura infantil brasileira que deu voz às crianças através das personagens, reproduzindo o universo inquisidor e imaginativo delas, desafiando-as a novas descobertas. Com suas obras, Lobato mostrou que a literatura infantil assegura o status de produção artística quando se vincula ao interesse e à realidade do pequeno leitor.

Contudo, Monteiro Lobato, apesar de imprescindível e fundamental quando trata-se de contar um pouco da história da literatura infantil nacional, ele não esteve sozinho, como traz Zilberman (2005, p. 21), não esquecendo jamais do legado deste autor, quando traz que

Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac são os desbravadores da literatura infantil brasileira [...]. Sem eles, talvez os livros nacionais para crianças demorassem a aparecer; mas “fé e orgulho” teremos em/de Monteiro Lobato, o sucessor desse núcleo original, aquele que ainda hoje se lê e relê, graças ao patrimônio literário que legou 19 (ZILBERMAN, 2005, p. 35)

E partindo da premissa que, ainda por Zilberman (2005, p. 21), “um escritor é muito popular, quando o mundo que criou escapa a seu controle, como se as personagens vivessem independentemente dele”, Monteiro Lobato fez parte da centenária história da literatura infantil brasileira. Trazendo, este autor, um sítio encantador como cenário, um elenco permanente de personagens que situa o leitor que transita pela sua obra em qualquer tempo, uma narrativa que resgata a tradição das contadoras de história e um mundo de fantasia paralelo ao imaginário infantil, entre outros aspectos que conduz à perenidade da sua obra.

Mas não só de herança Lobatiana vive a literatura infantil brasileira, ela “oferta ao leitor atual um acervo respeitável de boas obras, para serem lembradas por adeptos de várias gerações.” (ZILBERMAN, 2005, p. 21)

Em suma, historicamente, podemos observar quatro momentos importantes na caminhada histórica da literatura infantil brasileira. O primeiro, marcado pela influência europeia e suas traduções e adaptações, o segundo, determinado pela obra de Monteiro Lobato, o seguinte, pontuado por “textos criados à luz do modelo lobatiano” (AGUIAR, 2005, p. 33), sem, contudo,

alcançar as premissas do original; e por último, um quarto momento marcado pela “reescrita dos contos de fadas, da criação de obras que polemizam a realidade social e o cotidiano infantil, da construção de personagens com profundidade psicológica e da apropriação dos elementos da cultura de massa.” (AGUIAR, 2001, p. 33)

E atualmente, nos primeiros passos deste século XXI que se projeta, estamos imersos ainda nas influências deixadas pelo século que se findou, com “a associação de linguagens, como literatura e cinema [...] contribuindo para ampliar a repercussão de certos títulos destinados ao público infantojuvenil.” (CADEMARTORI, 2012, p. 8) E para a literatura, essa passou pelo que se pode chamar de “internacionalização do gênero, resultado da globalização dos mercados.” (CADEMARTORI, 2012, p. 8)

2.3 Poesia infantil

Para trazer à discussão as questões acerca da poesia infantil, gênero destacado neste exercício de pesquisa, é necessário apontar nossas atenções para o público que se dirige às criações poéticas. Para tanto, lançamos mão das ideias de Bordini (1991, p.5) quando salienta que “seja lá o que se pense sobre poesia infantil, não é possível questionar o seu estatuto e regimento sem antes situá-los num cenário específico: o mundo da infância.” Trazendo, deste modo, a importância do pequeno leitor como sujeito a ser conquistado, cativado pelo texto que lhe é apresentado.

Sendo assim, a poesia para ganhar o status de Literatura Infantil, precisa, necessariamente, envolver, de alguma forma, as questões pertinentes a esta fase da vida, seja tratando das curiosidades que cercam o mundo das crianças, seja através de outras maneiras que proporcionem o evento cômico, ou permitam o questionamento ou a compreensão através da linguagem.

Desta forma, corroborando com o entendimento das percepções acerca da poesia infantil, trazemos Machado (2013, p. 45) afirmando que

a função lúdica, que se preserva na poesia endereçada à criança, está estreitamente ligada ao que é próprio da idade das curiosidades, dentre as quais as relativas ao conhecimento da língua e das possibilidades que ela oferece.

Vinculada a tais noções, citamos Bordini (1991, p. 20) quando salienta algumas questões ainda específicas acerca da poesia infantil e a relação estabelecida entre texto e sujeito, trazendo à discussão uma das propriedades fundamentais do gênero poético destinado à infância:

Sua aparente falta de lógica e a conseqüente comicidade que o ilogismo produz como efeito de leitura. Rompendo ficcionalmente com os nexos com que a realidade é aprendida, o poema infantil permite aquele desafio das tensões conscientes. [...] O riso corrige o costume de apreender o real sob as feições do desejo, mola-mestra da onipotência mágica infantil.

Para abordar outro fator primordial acerca dos estudos relacionados com a poesia infantil e a complexidade que permeia as discussões sobre sua estrutura e elementos de composição, lançamos mão das escritas de Bordini (1991, p. 17) quando argumenta que

o poema tem um começo, um ponto zero; de onde se deriva um meio, que decorre do impulso rítmico-temático inicial de modo necessário e exige certo paradeiro final, sendo que, nas extremidades, se verifica uma inversão de situações ou sua complementaridade.

Mas a poesia, gênero, muitas vezes, ligado aos encantos e desencantos da vida, gênero que remete aos sentimentos mais profundos e à faceta mais sensível do ser humano, nos permite estabelecer um vínculo com o universo da sensibilidade e das percepções acerca dos enlevamentos da humanidade. Desta maneira, podemos trazer à discussão, esta relação estreita estabelecida entre a poesia e a sensibilidade, afinal

a palavra poesia é usada para expressar um sentimento único e inusitado [...], produzindo uma espécie de sensação que desperta um estado de encantamento ou de percepção renovada da vida, percepção de si mesmo e do mundo, mediada pela linguagem. (MACHADO, 2013, p. 40)

Enfim, encerrando este capítulo de estudo, mas conscientes da complexidade acerca do tema, trazemos a este exercício de pesquisa, os apontamentos de Azevedo e Melo (2012, p. 3) acerca da relação já citada entre poesia e sensibilidade, quando publicam que

poesia, um tipo de texto onde a concentração sígnica e multivalência semântica, expandidas pela plurissignificação da conjugação dos elementos do conteúdo com os da expressão, possibilita, ao leitor, o contato emocional e afetivo com o estado de coisas do mundo empírico e históricofactual, sugerindo veredas plurais para o seu acesso, conhecimento e reflexão.

3 DEZENOVE POEMAS DESENGONÇADOS... DEZENOVE ALUNOS QUE ACHARAM GRAÇA

Este capítulo empenha-se em apresentar e analisar os dados empíricos gerados e obtidos com a turma de quarto ano alvo desta produção. Para tanto, será subdividido em quatro etapas distintas, mas não desvinculadas. A primeira contempla o investimento na exploração do gênero poesia nesta sala de aula, antes e durante a inserção do projeto de leitura. A segunda dedica-se a analisar os indícios no material gravado em vídeo durante a sessão de leitura do livro de poemas. Já a terceira etapa, preocupa-se em investigar o material gerado através de questionários aplicados com as crianças após a exploração do conjunto de livros, cujo objetivo era averiguar preferências, memória significativa dos textos e dos personagens e, por último, a escolha do exemplar que seria adquirido pelos leitores. Por conseguinte a última etapa de análise deste capítulo concentra-se em explorar e esmiuçar o conteúdo da obra de poemas do autor e ilustrador Ricardo Azevedo.

3.1 “Sôra, eu sou quase um poeta!” – Rumo a uma sala de aula poética

O trabalho com o gênero poema esteve presente naquela sala de aula mesmo antes da inserção da pesquisa intitulada “Literatura Infantil – um estudo sobre leituras de obras selecionadas com leitores dos anos iniciais” e, por sua vez, durante o projeto, permaneceu permeando o planejamento docente previsto e perpassando por entre as escolhas literárias a serem levadas para a turma. Este aspecto é trazido neste momento de escrita, por considerarmos que, de alguma forma, também possa ter contribuído na receptividade frente ao livro de poemas de Ricardo Azevedo selecionado pela pesquisa, a coletânea Dezenove Poemas Desengonçados.

A trajetória rumo a uma sala de aula imersa no gênero poesia começou com a proximidade das comemorações Farroupilhas e a solicitação escolar de investimento nesta temática. Para tanto, optamos por dar início a este trabalho

levando uma poesia de Luiz Coronel⁴, intitulada Coração Farroupilha (reproduzida abaixo), que trata justamente da Guerra dos Farrapos⁵ e do sentimento do povo gaúcho acerca deste recorte histórico, para que desta maneira a temática pretendida pudesse ser introduzida em sala de aula. Deste modo, como elementos prévios à leitura, exploramos a sua forma através da silhueta levada em papel cartaz, dando a ideia de sombra, para que inferissem quanto a estrutura do gênero que seria trabalhado e para que apreendessem sua forma e características métricas.

Coração Farroupilha

Luiz Coronel

Ninguém doma a esperança

Liberdade não se encilha.

Galopa livre em meu peito

Um coração farroupilha.

Olha a tropa de Lanceiros,

Pela noite à dentro avança.

Sob a luz clara da lua

Cada estrela é uma lança.

Pelos mares da campanha,

Pelas ondas da coxilha

Juntas de bois puxam barcos

A Esquadra Farroupilha.

Pois ao Bento não se prende,

Não se prende a ventania,

Nas fortalezas do Rio,

Nem nos fortes da Bahia.

Doze homens contra um

Não é guerra, é uma guerrilha.

Galopa em meu peito

Um coração Farroupilha!

⁴ Luiz Coronel é escritor, compositor e publicitário gaúcho, natural da cidade de Bagé. Patrono da 58ª Feira do Livro de Porto Alegre e cidadão emérito das cidades de Porto Alegre e Piratini.

⁵ Comemorações Farroupilhas são eventos vinculados à proximidade de 20 setembro, data em que o povo gaúcho relembra um de seus marcos históricos, a Guerra do Farrapos, que estendeu-se de 20 de setembro de 1835 a 1º de março de 1845.

Como sequência do trabalho pedagógico que perpassou o 2º semestre letivo de 2013, optamos pela exploração do livro de Sandra Aymone, *Será que pode?* Livro que trata, em forma de poesia rimada, as palavras com escritas semelhantes, mas que possuem significados distintos, numa brincadeira com as palavras e os casais inusitados que possam se formar, como é o caso de tesouro e tesoura, figo e figa e carteiro e carteira, jogo de linguagem, que também instaura o humor.

A proposta incluía, ainda, além da motivação prévia à leitura modelo e participativa, o estímulo para que os alunos criassem novos casais como os do livro. Pois vinculado a tais noções, concordamos com Azevedo e Melo (2012, p. 4) quando salienta algumas noções sobre a importância das motivações em leitura, evidenciando que

atividades de pré-leitura permitem ativar determinados horizontes de expectativa, antecipar informação e suscitar a curiosidade perante o texto; atividades de leitura, que possibilitam construir significados, motivando respostas pessoais; e atividades de pós leitura, que buscam integrar e sistematizar conhecimentos.

Em seguida, também embasadas no autor acima, listas com palavras rimadas foram aumentadas pela turma, para que, desta maneira, a atividade seguinte fosse potencializada, a qual se tratava da construção de um livro de poemas da turma, baseado nas mesmas premissas do modelo. Livro este que posteriormente fora intitulado *Será que pode?* da 40A⁶, e contou com uma coletânea de poemas escritos pelas crianças, baseada nos casais que criaram, como foi o caso do quadro e da quadra e do passo e da passa.

A continuidade do planejamento contemplou, quando um dos objetivos era o estudo da cidade de Porto Alegre⁷, a exploração da música *Horizontes*⁸, de autoria de Flávio Bicca Rocha, que tem a capital gaúcha como cenário inspirador.

⁶ Título dado à coletânea de poemas da turma, fazendo referência a nomeação atribuída pela escola para as turmas de ensino fundamental conforme o nível de ensino.

⁷ Contemplar o estudo acerca da cidade é conteúdo previsto para o nível de ensino citado.

⁸ A música tem como pano de fundo literário a capital gaúcha. Foi trilha sonora da peça teatral *Bailei na Curva*, uma das comédias dramáticas mais expoentes do cenário gaúcho.

Para tanto, optou-se pelo trabalho com o gênero Cartão Postal para a motivação acerca do título da canção, a partir de fotografias que retratassem horizontes, além da exploração acerca do significado da palavra título para as crianças.

A escuta atenciosa e a leitura individual da letra da música deram sequência à efetivação do planejamento, seguido pela solicitação das crianças para que ouvissem a canção por inúmeras vezes, mostrando que a composição e sua escuta, em sala de aula, teriam agradado aos alunos. E ainda, como mais um aspecto na exploração do material levado, se propôs às crianças a ordenação das estrofes no quadro. Tarefa que se deu em duplas; receberam desordenadamente os versos em tiras adesivadas para que, ao ouvirem a estrofe na canção, se direcionassem ao quadro, colando-as ordenadamente, atividade lúdica e para o desenvolvimento da consciência sintática (coerência e coesão).

Em direções similares, que vêm a corroborar com a construção de um planejamento permeado por uma intencionalidade concreta, lançamos mão das verificações de Duarte (2012, p. 47) quando aponta sobre “a importância de uma sequência didática planejada, rica em possibilidades de relações sobre a diversidade de aspectos temáticos, estruturais e discursivos de um gênero textual específico”.

Ainda na mesma direção do trabalho com o gênero poesia, e percebendo a fluidez e agrado pelo qual esta temática permeava o dia a dia na turma, resolvemos por propor um Sarau Poético, que começou com conversas acerca do conceito desta prática cultural e dos elementos que a compunham.

Este momento do estágio culminou com a organização e recitação de poemas escolhidos livremente pelas crianças, em um sarau organizado em sala de aula, que contou com som ambiente e iluminação inspiradora – luz de velas.

Após a explanação e diálogo em sala de aula sobre o que caracterizava um sarau, as crianças, em suas residências, escolheram seus poemas a recitar e os ensaiaram, para que o combinado se concretizasse com agilidade. Alguns poetas lembrados, levados à sala de aula pelas crianças, foram Cecília Meireles, Fernando Pessoa e Mário Quintana. E ainda, confirmando o gosto e a preferência já referidos, alguns alunos levaram para o sarau poético,

justamente, poemas da coletânea de Ricardo Azevedo, esmiuçada neste trabalho acadêmico.

Desta forma, com o intuito de corroborar a idealização e efetivação do sarau poético, lançamos mãos das escritas de Azevedo e Melo (2012, p. 4) quando argumentam sobre o trabalho com poesia em sala de aula, enfatizando que

desde ler ou recitar um poema para os colegas, [...] recitação de poesia, [...] partilhar a afetividade do significado de poemas recitados em sala de aula, [...] ouvir os colegas a recitarem os seus poemas preferidos, [...] todas estas atividades constituem um bom ponto de partida para a abordagem poética.

E ainda nesta mesma direção, como fato curioso e afetivo daquela proposta, observamos uma tentativa de aproximação de um menino da classe com uma menina que se desentendera na semana anterior ao sarau, através da escolha do poema O vestido de Laura, de Cecília Meireles, nome homônimo ao da colega a que se dirigia e que escolhera como forma de aproximação e consequente reconciliação.

Findando o trabalho com o gênero poesia em sala de aula, levamos à turma a música Gentileza de Marisa Monte e o estudo acerca da obra do cidadão que servira de inspiração à música, conhecido como Profeta Gentileza, por emanar palavras de gentileza em obras públicas através de versos.

Por fim, a silhueta da canção foi levada novamente, para que as crianças percebessem a música como gênero poético. E ainda, finalizando esta faceta dos planejamentos que envolveu o estudo do gênero poesia naquela sala de aula, os alunos, em sequência a escuta da música citada, registraram palavras de gentileza em muros ilustrados como pano de fundo em papel cartaz.

Tendo em vista o conjunto de estudos acima mencionado, há que se ressaltar o investimento no gênero poesia naquela sala de aula, investimento este que precedeu, permeou e permaneceu na turma durante a inserção da pesquisa. Podendo, desta forma, também nos fazer inferir que, talvez, tenha contribuído, juntamente com outros fatores aqui discutidos, na receptividade

positiva daquelas crianças frente à coletânea composta por textos do gênero poético.

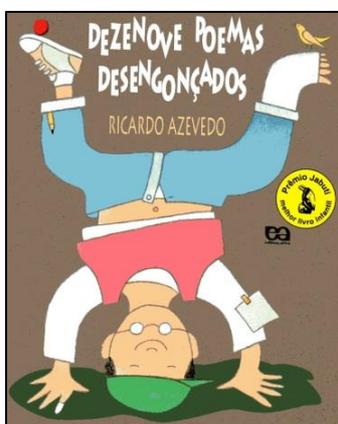
3.2 Percepções e reações – As gravações em vídeo como elemento de análise

A pesquisa intitulada “Literatura Infantil – um estudo sobre leituras de obras selecionadas com leitores dos anos iniciais” - inseriu-se na sala de aula do quarto ano onde atuaríamos com o estágio acadêmico, para, entre outros aspectos, analisar a receptividade frente aos livros do PNBE (2011).

Uma das ferramentas utilizadas durante a pesquisa contava com a gravação em vídeo das sessões de leitura, buscando, entre outros aspectos, captar falas, gestos, impressões e expressões das crianças acerca da receptividade aos livros selecionados.

A análise pontual do vídeo gravado durante a exploração do livro em questão nesta produção acadêmica, *Dezenove Poemas Desengonçados* de Ricardo Azevedo, nos permitiu perceber e apontar alguns aspectos interessantes.

Salientamos, inicialmente, a reação cômica gerada pela entrega do livro provocada pela visão obtida na ilustração de capa, suscitada nas crianças, enquanto compartilhavam entre si a obra em mãos, apontando aos colegas lado a lado a figura do homem de cabeça para baixo.



Capa do livro *Dezenove Poemas Desengonçados* (AZEVEDO, 2000).
Digitalizado por Fleck (2013).

Ressaltamos, na sequência, o questionamento do Professor Edgar Kirchof, pesquisador responsável pela exploração da coletânea em questão, a respeito do significado da palavra *desengonçados* trazida na capa com o título da obra, que obteve como resposta de um aluno, o adjetivo *atrapalhados*. E ainda, de uma das crianças, surgiu a relação entre texto e imagem quando trouxe à discussão a frase *O homem da capa é desengonçado*.

Há ainda que se ressaltar, na sequência do trabalho com a coletânea, após a exploração do poema *Raladura* (AZEVEDO, 2000, p. 32), que fora proposto às crianças uma sistematização com o enunciado *Será que você também consegue fazer o seu próprio poema Raladura misturando a ordem das palavras?* E para tanto, as crianças valeram-se de diversas hipóteses, como a composição do poema abaixo, a partir do modelo à esquerda.

<p>Raladura</p> <p>Lambada malvada, Trombada bandida, Pancada safada, Sai da minha vida!</p> <p>(AZEVEDO, p. 32, 2000)</p>	<p>Raladura</p> <p>Trombada malvada Safada bandida Pancada lambada Sai da minha vida!</p> <p>T. W.* – 9 anos</p>
--	--

Desta maneira, podemos apontar que, naquele momento, o fato da poesia ser uma obra aberta estava sendo amplamente difundido e explorado, fazendo de fato com que as crianças se apropriassem de suas composições. Tanto que, ao término das escritas, a sessão de leitura se daria por encerrada naquele momento, mas, a pedido dos pequenos poetas, todos leram em voz alta as suas escritas, provocando o riso coletivo a cada leitura e deixando transparecer a fisionomia de alegria e satisfação em estarem participando, como escritores, tão efetivamente daquela parcela do projeto.

Vinculado a tais noções, pertinentemente, Lulkin (2007, p. 3) provocamos, afirmando que

se o mestre deseja a ordem rígida, o silêncio total e a fala apenas autorizada, deve manter-se longe do evento cômico, para não provocá-lo, para não autorizar a excitação do riso dentro dos lugares da educação. No entanto, que o mestre não esqueça que há movimento nas brechas, nas palavras das verdades, há sempre um furo no discurso monológico, uma rachadura por onde o humor vaza.

O autor, dessa forma, nos faz pensar sobre a importância do humor em sala de aula, seja através dos suportes eleitos, seja através dos elementos produzidos. O fato que ressaltamos é que, de alguma maneira, a comicidade se fará presente, mesmo quando não esperamos por ela.

Nessa mesma direção, a sistematização seguiu solicitando às crianças que escrevessem um novo poema, através do comando *Agora, invente um poema parecido com Raladura. [...] Pode ser um poema bem maluco*. Desta forma, podemos observar abaixo três hipóteses escritas de maneira autoral por alunos daquele 4º ano.

<p>Safada nojenta, Você é uma esquisita, De agora em diante Sai da minha vida!</p> <p>Á. G. S. – 10 anos</p>
--

<p>Cada tromba Tem sua trombada Tadinha da minha Levou uma pancada</p> <p>J. A. A. D. – 10anos</p>
--

<p>Eu sou uma rala E muito dura Sou uma fada E muito pura.</p> <p>T. W. – 9 anos</p>
--

Podemos evidenciar, a partir das composições poéticas acima, que, mesmo não deixado explícito no enunciado, as três se apoderaram das rimas para as escritas dos poemas, nos fazendo debruçarmos sobre a importância da musicalidade criada pelos poemas que desejam cativá-los. Ainda nesta perspectiva, podemos observar a relação semântica estabelecida com o poema de origem, o Raladura (AZEVEDO, p. 32, 2000), que permaneceu nas criações através de elementos como as palavras *rala*, *dura*, *trombada* e *pancada*, e ainda, através do verso completo *Sai da minha vida!*. Por fim, há também que se ressaltar a presença, no primeiro poema, de adjetivos como *nojenta* e *esquisita*, que fazem alusão a adjetivos semelhantes escolhidos pelo autor, como *bandida*, *safada* e *desengonçados*.

Logo, nos cabe frisar a satisfação com que este trabalho fora recebido naquela turma e o empenho com que as propostas foram realizadas, além do investimento exercido, observado através das marcas das palavras apagadas na busca pelos poemas almejados. Elementos estes, que auxiliam a corroborar a importância que a escrita autoral, a leitura compartilhada com os demais e a presença do humor exercem sobre a receptividade que buscamos analisar e aprofundar na sequência do capítulo.

3.3 Ponderando sobre a escrita de dezenove crianças e debulhando ainda mais Dezenove poemas desengonçados...

Este capítulo do exercício de pesquisa se propõe a ampliar a análise das características da obra *Dezenove Poemas Desengonçados*, de Ricardo Azevedo, com o intuito de estender a exploração do conteúdo deste livro que entrou em consonância com o gosto das crianças e ainda, a analisar e discutir os dados empíricos gerados a partir de questionários aplicados, ambos aspectos embasados e alavancados a partir das questões trazidas pelas crianças durante a pesquisa acerca da receptividade frente às leituras.

Diante do término das sessões de leitura interativa das obras, um questionário acerca das impressões pessoais das crianças foi entregue para que o respondessem individualmente em sala de aula. Nessas circunstâncias, através e a partir dos dados gerados com estes questionários, podem ser constatadas algumas recorrências.

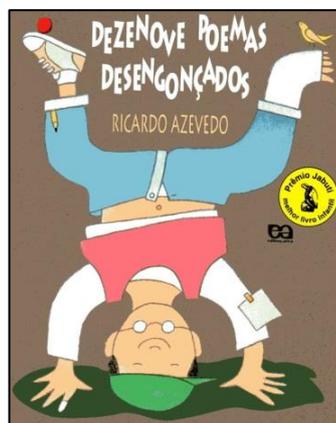
Os dois primeiros indícios habitam as questões acerca dos agrados e desagradados por uma obra entre as sete exploradas no projeto.

A primeira questão do questionário relacionava-se com a predileção das crianças por duas obras dentre as demais, solicitando que indicassem objetivamente os dois títulos favoritos. Conforme observado e constatado, treze de dezenove alunos indicaram a obra *Dezenove Poemas Desengonçados* (AZEVEDO, 2000), constatando uma prevalência de predileção pela obra indicada.

Seguindo os questionamentos da pesquisa, as crianças foram indagadas a respeito de obras das quais não haviam gostado. Neste quesito, observou-se uma ausência total de rejeição frente à obra poética, ou seja, nenhum aluno indicou não ter gostado do livro de poemas.

Trazendo à discussão as questões acerca das ilustrações, ao serem indagadas a respeito das imagens mais apreciadas por eles, seis de dezenove crianças apontaram o livro de Ricardo Azevedo, sugerindo um percentual médio de 32% de predileção pelos elementos gráfico-visuais da obra.

E desta maneira, o humor presente na obra Dezenove Poemas Desengonçados, desde a ilustração trazida na capa até a linguagem escrita escolhida pelo autor podem ter gerado satisfação e apreço pelas crianças, que, por sua vez, citaram, como referido anteriormente, estes elementos como propulsores da escolha pelo livro.



Capa do livro Dezenove Poemas Desengonçados (AZEVEDO, 2000).
Digitalizado por Fleck (2013).

Partindo deste pressuposto, e sabendo-se da “constituição integral de uma obra, que inclui linguagem verbal e visual, refletindo sobre a concretude do objeto de leitura, a ilustração”, como enfatiza Ramos e Panozzo (2013, p. 27), contribui para aproximar ou distanciar o leitor de um texto.

Para Ramos e Panozzo (2013, p. 28)

o ilustrador, por sua vez, deve tornar incomum o comum, transformar o real em fantástico, sugerir e representar o que o leitor supõe ver. Dessa forma, concretiza-se a relação produção/recepção esperada. [...] Ler um livro abrange a interlocução com diferentes aspectos, [...] implica também ler a sua materialidade, [...] pois toda leitura implica acionar experiências para realizar associações, [...] atribuir sentido ao texto lido.

Desta forma, o projeto gráfico, incluindo as ilustrações da obra *Dezenove Poemas Desengonçados*, pode, sobretudo, ter agradado a este público leitor, e assim, conseqüentemente, ter também influenciado na escolha pelo livro em questão. Como podemos apontar nesta ilustração do poema *A vaca e o boi* (AZEVEDO, 2000, p.21).

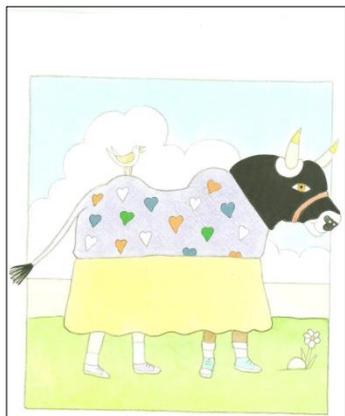


Ilustração do poema *A vaca e o boi* (AZEVEDO, 2000, p. 21).
Digitalizado por Fleck (2013).

A ilustração deste poema remete às festas populares do norte e nordeste do país*. E deste modo, permite ao leitor adulto a exploração deste aspecto cultural e, ao pequeno leitor, a ampliação do olhar a partir da produção visual.

Ainda seguindo este contexto a respeito dos questionários aplicados, e partindo para as questões de cunho descritivo, podemos observar indícios mais potentes sobre as razões do agrado pela obra de Ricardo Azevedo.

Nessa perspectiva, levantamos algumas pistas a partir das escritas dos alunos, que nos fizeram perceber alguns aspectos interessantes, como o aparecimento dos adjetivos *divertido* e *engraçado* nas argumentações de sete crianças quando questionadas sobre os motivos que as fizeram gostar mais deste livro em detrimento das outras obras oferecidas.

Assim, nesta mesma direção, e refletindo acerca desses achados, lançamos mãos das palavras de Aguiar (2001, p. 109), para concordar que “no momento que os escritores adultos começam a entender o mundo da criança, seus textos passam a cultivar temas e linguagens que tocam a sensibilidade infantil, sem menosprezá-la”.

Deste modo, quem sabe, o autor da obra de poemas em discussão tenha se valido desses recursos para agradar e cultivar o seu público, trazendo

ainda, nas marcas de humor presentes no livro, o impulso central que acarretou no agrado pela obra.

Sendo assim, valho-me das escritas de Silveira e Bonin (2013, p. 4) para compreender que

o efeito humorístico advém da superposição de um script em relação a outro, em oposições que podem se estabelecer entre o real e não real, normal e anormal, possível e impossível, [...] o humor vincular-se-ia ao inusitado, ao inesperado, ao incongruente.

Entretanto, o efeito cômico pretendido é atrelado a um universo mais amplo, estabelecendo uma relação que depende de outros aspectos, afinal é a combinação de scripts sobrepostos que possibilita a ambiguidade. No entanto, “a ambiguidade não se constitui uma condição suficiente para a graça”. (LINS e CARMELINO, 2009, p. 12)

Estas questões alavancam, de alguma maneira, as discussões acerca do humor na sala de aula, e nos fazem pensar sobre este aspecto específico. Deste modo, vemos como oportuna uma argumentação feita por Lulkin (2007, p. 3) em relação às conexões entre humor e escola, através da qual aponta que “é preciso estabelecer as fronteiras móveis pela compreensão de um humor compartilhado, e sua aceitação como trânsito possível na escola, como linguagem”.

E ainda, para este mesmo autor, “o exercício da sensibilidade para o cômico solicita uma atenção e uma escuta para alguns aspectos que estão diante de nós, mas passam despercebidos ou desvalorizados na sala de aula”. (LULKIN, 2007, p. 4) Por exemplo, seria extremamente importante aguçar a leitura dos recursos gráfico-visuais presentes nas obras literárias e sua relação com o texto escrito, tal como foi feito na ocasião da pesquisa, por meio de perguntas prévias à leitura dos poemas: que elementos chamam a atenção de vocês na capa deste livro? De que modo esses elementos se relacionam com o título?

Há que se ressaltar ainda o elemento humorístico presente no poema escolhido pelos pesquisadores, o qual foi trabalhado naquela sala de aula. Elemento este presente desde a já mencionada ilustração da capa, que mostra um menino de ponta cabeça, até o seu conteúdo verbal e o jogo de palavras,

ao abordar os dilemas cotidianos das crianças, entre os quais os ferimentos rotineiros, temática central do poema *Raladura* (AZEVEDO, 2000, p. 32).

Raladura

*Lambada malvada,
trombada bandida,
pancada safada,
sai da minha vida!*

Sobre a composição do poema acima, eleito como texto pontual da obra poética trabalhada com as crianças durante a pesquisa, observamos características que vão ao encontro das ideias de Lins e Carmelino (2009, p. 10) quando tratam sobre a faceta do humor em uma obra poética, afirmando que, entre outros aspectos, “uma frase para ser cômica depende de se [...] mesmo com a sua inversão, ainda mantiver seu sentido”, a exemplo das possíveis inversões nos versos do poema *Raladura*:

<i>Lambada malvada, trombada bandida, pancada safada, sai da minha vida!</i>	→	<i>Malvada lambada, bandida trombada, safada pancada, sai da minha vida!</i>
--	---	--

Aqui salientamos os traços de humor em outros poemas presentes na obra, tal como esta estrofe do poema *Perfumes* (AZEVEDO, 2000, p. 26)

*Não mora dentro de vidro,
não para em lugar algum,
não vende em nenhuma loja,
é perfume e chama... pum!*

O traço cômico do poema acima pode ser observado na sobreposição de scripts presentes, elemento fundamental quando se almeja a faceta humorística, como já trazido anteriormente. Outro aspecto do poema que,

possivelmente, também contribui com o efeito cômico gerado, é a questão do elemento escatológico se fazer presente através do enredo acerca da temática envolvida: flatulência.

Abaixo, neste excerto do poema Trovinhas Desajeitadas (AZEVEDO, 2000, p. 33), mostramos ainda mais elementos humorísticos acionados pelo autor.

*Toda pessoa invejosa
sente dor de cotovelo.
Tem rico que sente raiva
de pobre que tem cabelo.*

Podemos evidenciar as características cômicas neste excerto a partir da inferência que o mesmo traz acerca da relação entre riqueza e pobreza, trazendo à discussão a maneira como a dimensão trágica e humorística coexistem.

Podemos trazer à discussão questões que seguem direções similares, quando abordamos os aspectos relacionados acima com as diversas linguagens do humor e suas potencialidades.

Para tanto, evocamos novamente Lulkin (2007, p. 6) para ressaltar que

investir no humor e no riso implica compreender e incorporar um fundo trágico da existência, tornando nosso discurso mais cético e não menos lúdico. O humor que cria um território instável em parceria com a dimensão trágica se torna mais lúcido, [...] e refina o discurso poético.

Vinculados a tais noções, podemos observar os caminhos cômicos pelos quais percorrem a obra de Ricardo Azevedo, indo ao encontro destes elementos. Os autores mencionados neste trabalho salientam a importância de se criar um vínculo entre obra e sujeito, ou seja, o texto poético precisaria preencher as expectativas do público a que se destina, afinal, como constata Aguiar (2001, p. 109), “a poesia garante a sua qualidade estética quando não trai o pequeno leitor”.

Para tanto, e a partir dos dados produzidos pelos alunos através dos questionários analisados no tópico deste capítulo, conseguimos averiguar a presença dos aspectos cômicos como justificativa pelo vínculo estabelecido entre obra e pequeno leitor.

Deste modo, precisamos aproximar as relações entre obra e contexto em que se apresenta, retomando as ideias de Lins e Carmelino (2009, p. 152) quando afirmam que “o riso, um tipo de humor ou piada, só tem significado dentro de um contexto sócio-histórico e temporal”. Sendo assim, o destaque do livro e a consequente reação das crianças estão diretamente ligados às experiências culturais do público para o qual tal pesquisa se apresentou, assim também como o fato da experiência ter se desenvolvido no grande grupo. Afinal, de acordo com as mesmas autoras, “o riso em grupo possui toda uma significação pessoal para aquelas pessoas envolvidas no grupo”. (LINS e CARMELINO, 2009, p. 152)

Considerando este contexto acerca das evidências cômicas dos poemas, Cunha (2013, p. 3) traz que “o humor pode se manifestar de formas diversas [...], o humor no jogo das palavras, o humor no jogo de ideias, o humor na reinvenção do cotidiano”.

Nessa mesma direção, tratando do humor com o jogo de palavras. Cunha (2013, p.) ainda constata que, “para a criança, a linguagem é um espaço privilegiado para a apreensão e compreensão do mundo, por isso, brincar com palavras é uma atividade natural, que ela faz com prazer e por prazer”.

Parafraseando ainda as observações de Cunha (2013), pretendemos apontar o humor no jogo de ideias presente na obra de Ricardo Azevedo (2000), como neste trecho do poema Trovinhas desajeitadas (AZEVEDO, 2000, p. 35):

*O goleiro pegou o frango,
o frango ficou contente.
Os dois então, de repente,
saíram dançando tango.*

Partindo ainda deste mesmo pressuposto, conforme Cunha (2013, p.), “o humor pode nascer [...] da brincadeira com as ideias e conceitos. [...] A ambiguidade [...] também costuma ser bem explorada, com efeitos humorísticos, na poesia para crianças”.

E ainda, finalizando a tríade de ideias trazidas anteriormente, conseguimos também perceber, na obra de Azevedo (2000), a presença do humor na reinvenção do cotidiano, como observa-se no excerto do poema abaixo, onde o autor, como traz Cunha (2013), “pode incorporar o humor existente nas situações mais banais que a criança encontra em seu dia-a-dia, [...] ele percebe, em meio ao trivial, elementos que são próprios ao universo infantil”.

*Quem foge cai na risada,
quem procura não sossega,
escorrega tropeçando,
no jogo da cabra-cega.*

Seguindo as observações que levam a análises e aos apontamentos acerca dos poemas do livro, salienta-se o papel das imagens numa obra destinada ao público infantil, escrita e ilustrada pelo autor Ricardo Azevedo.

Nesse sentido, evocamos as palavras de Ramos e Panozzo (2013, p.), quando afirmam que, “nos últimos anos, a ilustração tem assumido estatuto próprio, [...] uma vez que, a ilustração não se origina diretamente do texto, mas de sua aura”.

Podemos perceber, ao analisar os dados gerados pelo questionário aplicado, que duas das dezenove crianças mencionaram, ao serem instigadas sobre ilustrações engraçadas, a que se referia ao poema Perfumes (AZEVEDO, 2000, p. 26) e a que fazia alusão ao poema Raladura (AZEVEDO, 2000, p.32).

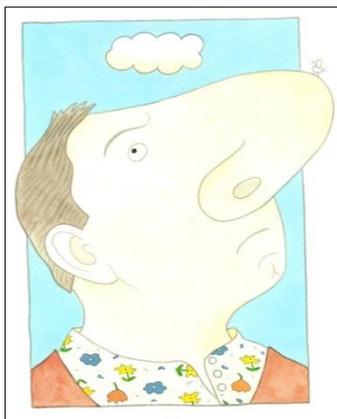


Ilustração do poema Perfumes
(AZEVEDO, 2000, p. 26).
Digitalizado por Fleck (2013).

A ilustração referente ao poema Perfumes traz um homem com a figura exagerada de um nariz que foge esdruxulamente da moldura da imagem, dando a ideia de despropositado exagero.



Ilustração do poema Perfumes
(RALADURA, 2000, p. 32).
Digitalizado por Fleck (2013).

Já a ilustração que faz alusão ao poema Raladura retrata os ferimentos do cotidiano das crianças através de uma perna machucada, fazendo alusão aos dilemas rotineiros desta faixa etária.

Deste modo, podemos alinhar este aspecto do trabalho, retomando as ideias de Ramos e Panozzo (2013, p. 36) quando argumentam sobre

o papel sedutor da ilustração no livro de Literatura Infantil. [...] Seu desempenho vai além da sedução, do encanto, porque ela também diz e imprime materialidade à palavra, tornando-a mais acessível ao leitor, ou seja, atuando como um elemento mediador na apropriação do simbólico e também provocando o leitor a ampliar as redes semânticas postas pela palavra.

Contudo, uma obra poética exerce fascínio, principalmente quando passa por uma criteriosa seleção antes de ser ofertada ao pequeno leitor,

afinal, precisa encantar, cativar, corresponder ou surpreender o seu público. E justamente, refletindo acerca destes aspectos podemos apontar que

a boa poesia escrita para crianças, que generosamente se oferece ao deleite, é aquela que compreende a infância e não a subestima. Encontrá-la requer dos leitores, crianças e adultos, um estado de permanente busca e uma disposição à novidade. Uma busca que vale a pena. (MACHADO, 2013, p. 49)

E ainda nesta perspectiva, podemos salientar as questões métricas e rítmicas presentes na maioria dos poemas da obra de Ricardo Azevedo, que por sua vez, também podem ter contribuído com o apreço das crianças pelo livro em destaque, como evidenciamos, por exemplo, neste trecho do poema Bola de Gude (AZEVEDO, 2000, p. 17)

*A maior bola do mundo
é de fogo e se chama sol,
a bola mais conhecida
é a de jogar futebol.*

Este poema nos permite, conforme a observação de Machado (2013, p. 47) inferir que “o texto deixa [...] o leitor num estado de encantamento, produzido pela organização sonora e rítmica, em função de um efeito de imitação muito apreciado pelas crianças”.

Em direções similares, Bordini (1991) traz à discussão aspectos semelhantes quanto à sonoridade, através da forma e da rima presente na poesia de Azevedo (2000), aos quais também podemos atribuir o agrado pela obra. Para tanto, Bordini (1991, p. 63) enfatiza que

ao se levantarem constantes estruturas do poema infantil, impõem-se ao ouvido os aspectos fônicos, responsáveis pela interação concreta entre texto e criança, em termos lúdicos. [...] Essa sonoridade poética se alia a ritmos que inicialmente mimetizam os movimentos do emissor, depois a ação física do recitante em situação de brincadeira.

E paralelamente a tais noções, Bordini (1991) observa que “poesia é brinquedo de criança”. E conforme esta percepção, e a partir dos estudos realizados e citados, com o intuito de formar leitores poéticos, lançamos mão das palavras de Machado (2013, 48) quando constata que “o caminho em direção à desejável formação de leitores de poesia pode ser trilhado com escolhas atraentes para cada idade”.

4 A ÚLTIMA ESTROFE...

Este capítulo tem por objetivo central a compilação das principais ideias produzidas neste exercício de pesquisa, assim como dos elementos que mais se destacaram em relação à temática impulsionadora deste estudo – a preferência de uma turma de anos iniciais pelo gênero poesia.

As escritas dos autores que conjugaram este estudo, assim como as análises e reflexões produzidas a partir da geração de dados e do material empírico observado, juntamente com o suporte concreto de leitura, tornaram-se ferramentas essenciais para que chegássemos a alguns apontamentos possíveis.

Deste modo, permitimo-nos observar a importância do investimento em um gênero textual quando almejamos conquistar pequenos leitores ou apreciadores de uma ou mais facetas da Literatura Infantil. Desta maneira, podemos (re)abordar a exploração da poesia infantil naquela sala de aula e a consequente imersão no gênero, culminando com a prática de um sarau poético amplamente significativo e vastamente bem sucedido, fazendo-nos perceber a possível influência deste investimento na posterior identificação dos alunos com a coletânea de poemas de Ricardo Azevedo.

Ainda em direções similares, trazemos o fato de a poesia ser uma obra aberta, outro fator preponderante no estabelecimento de uma relação estreita entre criança e literatura. Assim, podemos ponderar a importância significativa que observamos no fato dos alunos produzirem e lerem oralmente suas próprias poesias, trazendo à discussão a relevância da escrita autoral e o prestígio adquirido através da leitura compartilhada e do papel que ambos assumiram dentro do grande grupo.

Nesse sentido, Dalla Zen (2010, p.99) salienta oportunamente a percepção da importância de “ler atenta, curiosa e respeitosamente as produções dos alunos, escutar suas perguntas, ajudar a compor as escritas em curso, ou seja, criar espaços seguros e generosos de intervenções pedagógicas.”

Portanto, diante dos indícios acima, podemos salientar também a provável influência destas ações concretas com os poemas explorados em aula sobre a identificação com a obra *Dezenove poemas desengonçados* (AZEVEDO, 2000), atribuindo, desta forma, sentido pessoal e coletivo às práticas propostas e executadas com satisfação pelo grupo de crianças.

Tendo em vista o conjunto de achados, entendemos pertinente, também, pontuar a relação estabelecida entre leitor e projeto gráfico, quando consideramos a identificação dos alunos com as ilustrações da obra, fruto da competência do mesmo autor. Salientamos, portanto, a satisfação demonstrada pelas crianças ao comentarem sobre as imagens que objetivavam o riso, como o exagero marcado pela discrepância (exemplo: a figura do nariz grande que se estende para além da moldura) e as figuras que faziam alusão aos dilemas cotidianos próprios da faixa etária, como os ferimentos rotineiros, por exemplo, no caso do poema *Raladura* (2000, p. 32). Ambos os aspectos, sob nosso ponto de vista, criaram, de alguma forma, um vínculo com as crianças, caindo na graça do público que se almejava atingir, fazendo com que, deste modo, também contribuíssem com o elo estabelecido entre obra poética e turma de alunos - leitores.

Por fim, nos cabe frisar, pretensamente, sobre a parcela mais marcante deste estudo, a relação entre o humor e o pequeno público leitor. É possível afirmar a importância que este aspecto exerceu sobre as escolhas dos alunos pela coletânea de poemas, favorecendo a captura das crianças através do evento cômico proporcionado pela composição dos poemas.

Mesmo compreendendo a abrangência, quando se trata da abordagem do humor, permitimo-nos uma incursão sobre esses estudos. Sendo assim, diante dos indícios observados na pesquisa, apontamos como fator predominante das razões que levaram à escolha pela obra de poemas, a presença do humor no projeto literário, percebível na composição dos poemas, nas temáticas abordadas e no projeto gráfico-visual utilizado.

Por conseguinte, como dito antes, devemos considerar a importância exercida pelo evento humorístico quando almejamos a captura do pequeno leitor, nos fazendo sinalizar a preciosidade da relação estabelecida entre leitor e obra a ser explorada, principalmente no que se refere à escolha por um gênero em detrimento de outro. Ainda, esta enxurrada de ideias e

possibilidades nos fez expor as questões acerca da relação entre criança e poesia, e para tanto, relembramos as ideias de Silveira (2010, p. 111), quando salienta “que o trabalho pedagógico não se restrinja àquilo a que as crianças têm acesso cotidiano e direto em suas vivências”, que ele se amplie, explore e selecione com competência um suporte que vá ao encontro da almejada formação de leitores.

Finalmente, diante das hipóteses levantadas e das evidências analisadas, podemos enfatizar a importância da seleção de uma obra quando se projeta cativar o pequeno leitor e a influência do investimento de educadores sobre a pretensa formação de leitores. Para tanto, conjugada a tais noções, Kaercher (1998, p. 58-59) destaca que “nem só de cognição vive a leitura, [...] ela só crescerá em importância e sentido para as nossas crianças se o professor, enquanto mediador, construir este “percurso passional” que transforma alfabetizados em leitores.”

Da felicidade

Quantas vezes a gente, em busca da ventura,
Procede tal e qual o avozinho infeliz:
Em vão, por toda parte, os óculos procura,
Tendo-os na ponta do nariz!

Mario Quintana

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de (coord). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

AZEVEDO, Fernando José Fraga de e MELO, Isabel Souto e. **Poesia na infância e formação de leitores**. Braga: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

AZEVEDO, Ricardo. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ática, 2000.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1991.

CADEMARTORI, Ligia. Do conceito à consolidação: um olhar histórico. **Revista Educação: Literatura Infantil**. São Paulo: Segmento, 2013.

CUNHA, Leo. Poesia e humor para crianças. **Tigre Albino: Revista de Poesia Infantil**. Porto Alegre: vol. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.tigrealbino.com.br/index.php?volumesel=1a3da7530360893c4c84f51efaf6ecac>. Acesso em abril de 2013.

DALLA ZEN, Maria Isabel H. “Eles já estão alfabetizados”: dando continuidade ao processo. In: DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost e XAVIER, Maria Luisa M. **Alfabetizar: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

DALLA ZEN, Maria Isabel H., SILVEIRA, Rosa Maria H. Surpresa, captura e envolvimento. **Revista Educação: Literatura Infantil**. São Paulo: Segmento, 2013.

DALLA ZEN, Maria Isabel H., TRINDADE, Iole F. Leitura, escrita e oralidade

como artefatos culturais. In: XAVIER, Maria Luisa (org). **Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

Diário de Classe de Roberta Guerra Fleck, produzido a partir de Estágio Curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DUARTE, Maíra Abrunhoza de Martini. **Um estudo sobre a potencialização da compreensão leitora**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/55619/000858850.pdf?sequence=1>. Acesso em abril de 2013.

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação: Programa Biblioteca da Escola. Acervo de 2011.

KAERCHER, Gládis E. Brincando com as palavras e com os livros na escolarização inicial. In: DALLA ZEN, Maria Isabel H., XAVIER, Maria Luisa M. (org). **Alfabetizar: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

KAERCHER, Gládis E. "E se a historinha não funciona?": sobre paixões e literatura. In: DALLA ZEN, Maria Isabel H., XAVIER, Maria Luisa M. (org). **Ensino da Língua Materna: para além da língua materna**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LAJOLO, Marisa. **Circulação e consumo do livro infantil brasileiro: um percurso marcado**. In: KHÉDE, S. S. (Org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira e estudos literários**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea: Brasília, 2010.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. Porto Alegre: Ática, 1995.

LIMA, Roberto S., MAIA, Angela S. **Poesia é brincar com palavras: leitura do poema infantil na sala de aula**. Maceió: Edufal, 2002.

LINS, Maria da Penha Pereira e CARMELINO, Ana Cristina. A Linguagem do humor: diferentes olhares teóricos. **Revista Educação: Literatura Infantil**. Vitória: UFES, 2009.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988.

LULKIN, Sérgio Andrés. **A potência do humor e do riso na escola**. Campinas: Alegrar, 2007. Vol. 4, pág. 1-8.

MACHADO, Maria Zélia V. Generosa poesia. **Revista Educação: Literatura Infantil**. São Paulo: Segmento, 2013.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RAMOS, Flávia Brochetto Ramos e PANOZZO, Senaide Petry. As marcas da palavra e da ilustração. **Revista Educação: Literatura Infantil**. São Paulo: Segmento, 2013.

SILVEIRA, Rosa Maria H. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, Maria Vorraber (org). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel e DREY, Rafala Fetzner. Gêneros textuais nos anos iniciais. In: DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost e XAVIER, Maria Luisa M. **Alfabetizar: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. O escritor, o leitor e o livro. **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**. São Paulo: 2011.